

Juarez Rizziéri*

PAZ

GAZETA MERCANTIL

De reboque a rebocador internacional

A economia brasileira cresce paralela aos 4,5% de expansão mundial



Numa tentativa de consagrar seu carisma político e o desempenho da administração de seu governo, o presidente Lula tem, reiteradas vezes, dito à oposição e aos brasileiros desatentos: "reconheçam que a economia nunca esteve tão bem como neste momento e vai melhorar nos próximos anos de acordo com as expectativas dos analistas dos mais variados mercados". Os indicadores econômicos de sucesso mais ventilados são: inflação na casa dos 3,5% ao ano, superávit comercial de US\$ 45 bilhões, reservas externas em US\$ 150 bilhões, risco-País em 150 pontos básicos, taxa de câmbio de R\$ 1,90 por dólar, emprego crescendo a 2%, superávit primário de 4% do PIB, vendas internas reais expandindo a 6%, crédito a 20%, remuneração média real dos trabalhadores a 4,5%, entre outros. Os resultados insatisfatórios ficam por conta de um crescimento de 3,8%, de uma taxa real de juros de 9,5% e de uma relação dívida/PIB de 43,5%, porém com expectativas de chegarem em 2010 a 4,5%, 5% e 37,5%, respectivamente.

Descontando o discurso da promoção política as pessoas mais bem informadas sabem que o sucesso das contas externas do Brasil deve-se às fantásticas condições internacionais, dadas pelo crescimento da renda mundial da ordem de 4,5%, de 7,5% dos emergentes e em particular dos 10% da China, além dos ganhos nos preços das commodities e de uma taxa de câmbio desvalorizada entre 2001 e meados de 2005. A capacidade para importar cresceu devido à expansão do volume exportado, que ao não ser usa-

da integralmente para ampliar as importações acabou se revertendo em liquidação de dívidas externas e acumulação de reservas. Enquanto permanecer a combinação de superávit na conta corrente e juros internos mais altos que os externos a taxa de câmbio continuará a ser pressionada para novas valorizações, e há quem aposte em taxa de R\$ 1,80 por dólar.

Os exportadores não recompensados pelos preços internacionais em alta reclamam e os segmentos da indústria mais intensivos de mão-de-obra ficam cada vez mais expostos à competição asiática. O governo ganha com o efeito da valorização do câmbio sobre o controle da inflação, permitindo a prática de juros menores sobre suas dívidas e sobre o processo de acumulação forçada de reservas, o que torna o País menos vulnerável a qualquer crise externa futura.

A economia brasileira cresce a reboque dos 4,5% de expansão mundial, que tem uma contribuição de 25% pela China e 18% dos EUA. Hoje a China já responde com 8,1% do fluxo mundial do comércio de mercadorias, contra 12,3% dos EUA, ao passo que essas participações na renda mundial, pelo critério da Paridade do Poder de Compra são de 15% e 21%, respectivamente. Não somente o Brasil, mas quase a totalidade dos países do planeta esta sendo beneficiada pelo contínuo crescimento do PIB chinês e de sua capacidade política de manter os custos internos variando abaixo dos ganhos de produtividade, transferindo assim o processo de controle da inflação interna a seus parceiros de comércio, cu-

jas importações mais baratas funcionam como reguladores dos preços internos.

O segredo do modelo chinês está em impedir que os salários subam acima do crescimento do PIB e dos ganhos de produtividade, mantendo para cada custo eficiência do trabalho (salário/produtividade) uma taxa de câmbio desvalorizada que estimule as exportações e gerem emprego na economia doméstica. Dado o contingente de mão-de-obra abundante não se visualiza pressões de custo de trabalho sobre a inflação (diferente do acontecido no Japão e Coreia)

O segredo do modelo chinês está em impedir que os salários subam acima do crescimento do PIB e dos ganhos de produtividade

e muito vagamente discute-se as restrições ao uso do meio ambiente contaminado. O componente demanda por investimentos e encontra financiamento numa poupança interna que chega a 40% do PIB, além dos recursos vindos dos investimentos externos, o que torna o custo de capital baixo.

Para o Brasil crescer a reboque dos emergentes não é mau, apenas precisamos saber como explorar novas oportunidades de comércio e ajustar nossas vantagens já adquiridas e contestadas pela competição externas, ou então, nos prepararmos para enfrentar uma crise externa futura se esse modelo chinês-americano entrar em colapso, o que a curto prazo é pouco provável.

O que ocorrerá com esse período de fartura se a locomotiva mundial começar a frear? O setor privado está otimista e procurando cooperar, visto que a formação bruta de capital em máquinas e equipamentos está crescendo a 11% ao ano e sua participação esta em 8,5% do PIB, nível equivalente ao alcançado entre 1973-80, quando o Brasil detonou o imenso projeto de investimentos no II PND da era Geisel. Vamos morrer na praia por falta de capitais? Bobagem, hoje vemos que a mobilidade de capital esta produzindo uma convergência internacional para o custo de capital no mercado financeiro, e o que se nota é um movimento em direção aos países com fatores complementares abundantes, produtivos (mão-de-obra, recursos naturais, energia) e regras institucionais estáveis.

É o caso da China/Índia com mão-de-obra barata e qualificada e talvez do Brasil com os recursos naturais para fornecer alimentos e minérios. Contudo, se o País quiser ir além dessa especialização para competir com ganhos de produtividade é preciso oferecer também um mercado de trabalho menos regulado e mais qualificado. Aqui o governo pode ajudar e muito investindo em educação e retomando seus projetos para a infra-estrutura produtiva. Capaz de gerar externalidades positivas aos investimentos privados. Caso contrário, a mobilidade do capital substituirá empregos brasileiros por empregos em qualquer parte do mundo.

* Professor da FEA/USP. Próximo artigo do autor em 13 de agosto